

O Pacto pela Neurodiversidade

*Abraça - Associação Brasileira para a Ação por
Direitos das Pessoas Autistas*



ABRAÇA
Associação Brasileira para Ação
por Direitos das Pessoas Autistas

2023

Cartilha: O Pacto pela Neurodiversidade
Abraça - Associação Brasileira para Ação pelos Direitos das Pessoas Autistas.

ISBN: 978-65-983926-0-4

Brasil, 2023.

E-mail: contato@abraca.net.br

Coordenação:

Rita Louzeiro

Organização:

Argemiro de Paula Garcia Filho

Fernanda de Almeida Santana

Mariene Martins Maciel

Participação contínua ou esporádica no processo colaborativo de elaboração do Pacto pela Neurodiversidade:

Amanda Paschoal

Ana Cândida Carvalho

Bianca da Nóbrega Rugoski

Camila Jasmin Martins

Érica Curado

Fernanda Santana

Raphaella Caldas

Rita Louzeiro

Roselene Candida Alves

Luciana Viegas

Luiz Henrique Magnani

Sophia Mendonça

Valéria Aydos

Victor Guevara

William de Jesus Silva

Projeto gráfico e Ilustrações:

Bruna de Almeida Santana

Revisão da cartilha:

Rita Louzeiro e Argemiro de Paula Garcia Filho

Primeiramente, uma história...

Era uma manhã ensolarada no Campus Butantã da Universidade de São Paulo. Ana, uma estudante de Biologia e autista, estava caminhando para a aula. Havia dormido tarde na noite anterior escrevendo um ensaio para uma disciplina, situação parecida com a maioria naquele final de semestre. Estava cansada e começou a se sentir sobrecarregada pelos estímulos sensoriais ao seu redor: o barulho dos estudantes conversando, o cheiro do café da cantina, a luz do sol refletindo nas janelas dos prédios.

Ana sabia que estava passando por uma sobrecarga sensorial. Ela se sentiu desorientada e não conseguia determinar a direção para o local da aula que faria a seguir. Mas Ana estava preparada. Ela pegou o celular e ativou um aplicativo desenvolvido pela universidade para ajudar estudantes neurodivergentes.

O aplicativo a guiou até uma sala sensorial próxima, um espaço tranquilo e acolhedor projetado para ajudar estudantes como Ana a se recuperarem de sobrecargas sensoriais. A sala estava equipada com luzes suaves, sons calmantes e móveis confortáveis.

Ana passou 12 minutos na sala sensorial. Quando saiu, sentiu-se revigorada e pronta para enfrentar o dia. Ela conseguiu chegar à aula a tempo e participar ativamente das discussões.

A história acima foi inventada para ilustrar a importância de uma cultura inclusiva e a favor da neurodiversidade nas universidades. Sem o suporte necessário, muitos estudantes autistas podem se sentir sobrecarregados e acabar abandonando a universidade. Mas com o suporte adequado, eles podem participar plena e ativamente desse espaço tão importante para a transformação do mundo.

E nós ousamos sonhar!



Introdução

Ousamos sonhar uma universidade em que caibamos, que atenda às nossas necessidades e seja um instrumento efetivo na construção de cidadania e autonomia para todas as pessoas autistas e com outras neurodivergências. Os poucos dados disponíveis sobre a inclusão das pessoas autistas no ensino superior no Brasil indicam que ainda temos um longo caminho a percorrer.

O Censo da Educação Superior, de 2016, registrou que havia 546 estudantes autistas matriculados no ensino superior, correspondendo a apenas 0,01% do total de estudantes matriculados naquele ano. Além disso, indicava que a maior parte desses estudantes era branca (37%), do sexo masculino (61,5%) e residente no Sudeste (33%) [1]. Dados mais recentes do Censo da Educação Superior, de 2021, indicam que 4.018 pessoas autistas estavam matriculadas no ensino superior, um aumento de mais de 600% em um intervalo de 6 anos.

Ao longo desse período tivemos, como decorrência da Lei nº 13.409/2016: a ampliação dos critérios diagnósticos do autismo, avanços no atendimento às pessoas com deficiência na educação básica e extensa implementação das cotas para pessoas com deficiência no ensino superior. A consequente chegada maciça de alunos autistas e com outras neurodivergências nas universidades resultou, também, na criação de coletivos de estudantes autistas em diversas instituições pelo país, assim como coletivos de estudantes com outras deficiências.

Compreendemos a importância do espaço acadêmico na formação de professores e outros profissionais, na produção científica e de conhecimento e na difusão de práticas que acabam por perpetuar preconceitos, mas que podem romper barreiras. Optamos por convidar ao rompimento das barreiras que têm impedido o acesso e a

permanência das pessoas neurodivergentes no Ensino Superior brasileiro. Quatro universidades atenderam ao nosso chamado e, a partir do diálogo com elas, foi possível elaborar esta cartilha que objetiva trazer caminhos possíveis à inclusão das pessoas neurodivergentes nas universidades brasileiras no Ensino, na Pesquisa e na Extensão.

O que é Neurodiversidade?

É o conceito, cunhado pela socióloga australiana autista Judy Singer, que afirma que cada ser humano, na sua individualidade, tem um funcionamento neurocognitivo que lhe é peculiar. Essa natural diversidade dos cérebros humanos em relação às várias funções mentais não deve ser base para afirmar que certas condições seriam doenças ou anormalidades, mas como parte da variabilidade natural da nossa espécie. Podemos compará-la à biodiversidade, que expressa a grande variação entre os diversos seres vivos. Diversidade é característica dos grupos de seres diferentes entre si.

O que é ser neurodivergente?

Ser neurodivergente significa ter uma mente que funciona de maneira diferente dos padrões sociais dominantes. Pessoas com deficiência intelectual, pessoas com deficiência psicossocial, pessoas autistas, pessoas com TDAH ou dislexia são exemplos de pessoas neurodivergentes.

O que é Deficiência?

É o resultado da interação entre as limitações de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial com as barreiras no ambiente que impedem a participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.



O que é *crip time*?

Descreve a relação única das pessoas com deficiência com o tempo. Devido às inúmeras barreiras que enfrentam, as pessoas com deficiência se relacionam com o tempo de maneira diferente e isso impacta toda a sua vida. É uma ferramenta conceitual importante para a promoção da acessibilidade para as pessoas com deficiência em todos os âmbitos sociais.

O que é capacitismo?

Capacitismo é a discriminação contra pessoas com deficiência. Baseia-se no conceito de que existiria um ser humano “normal” e que as pessoas que divergem desse padrão são menos capazes que as demais para levar sua vida com independência e participação plena na sociedade. Esse preconceito pode vir disfarçado de forma falsamente positiva, quando se faz elogios a uma pessoa com deficiência que superou as barreiras que a sociedade apresenta, descrevendo-a como “vencedora”. São como os elogios racistas, nesse caso, elogios capacitistas, que são tentativa de disfarce que prejudicam e devem ser evitados.

Capítulo 1: Escutar

Escute as pessoas neurodivergentes, garanta sua liberdade de expressão e o respeito às suas opiniões, independente do assunto a ser tratado e da forma de comunicação utilizada.

Escuta é um tema bem trabalhado academicamente, em áreas de pesquisa como a Psicologia, por exemplo, que nos mune com o conceito de Escuta Ativa (Carl Rogers e Richard Farson). Essa escuta tem um significado amplo, que independe da forma de comunicação utilizada, ou seja, inclui a escrita, as línguas de sinais, a comunicação não verbal, a comunicação alternativa e aumentativa, ou qualquer outra que possibilite à pessoa se expressar e se comunicar

A falta de escuta ativa nas universidades pode contribuir para a exclusão das pessoas neurodivergentes no ensino superior. Isso pode se manifestar como uma falta de compreensão ou consideração pelas necessidades e experiências únicas das pessoas neurodivergentes, podendo impedir sua participação em igualdade de condições com as demais pessoas. Muitas vezes, não comunicar algo oralmente coloca a pessoa na posição de ser considerada menos capaz de aprender e isso muitas vezes é reforçado pelo capacitismo. Sobre os direitos das pessoas com deficiência, o Brasil tem ótima legislação, que tem se ampliado por força das lutas dos movimentos por direitos, mas precisamos que tudo o que conquistamos no papel se manifeste na nossa vida prática, cotidiana, na nossa experiência encarnada.

Necessariamente, a escuta das pessoas neurodivergentes passa por um trabalho prévio e paralelo de desconstrução de estereótipos capacitistas arraigados no senso comum, na ciência e na produção de conhecimento, produtos, serviços e políticas públicas. Significa ter critérios anticapacitistas bem definidos para essa atuação. Somente com um esforço coletivo focado em derrubar as barreiras ao

acesso e permanência das pessoas neurodivergentes será possível construir um futuro de inclusão e participação.

Durante a realização desse projeto, conversamos com representantes de universidades que nos apresentaram algumas demandas que assumem não saber como lidar e sobre as quais sentem necessidade e disposição para atuar - algumas ações já vêm sendo tomadas. Entendemos que só pela escuta é possível levantar problemas e encontrar respostas. Por exemplo, foi levantado que é comum pessoas autistas e com outras neurodivergências se sentirem receosas em assumir essa condição para as outras pessoas no contexto acadêmico.

Para além do conceito de escuta ativa, há outras bases acadêmicas que podem servir para uma mudança estrutural na Academia brasileira. A lista abaixo traz algumas diretrizes. Convidamos para mais contribuições, bastando que se entre em contato com o Pacto pela Neurodiversidade, através do e-mail pacto@abraca.net.br



Sugestões

- Ter uma política de inclusão transparente e amplamente comunicada. Quanto mais a comunidade universitária conhecer os esforços empreendidos em favor da inclusão, melhor: sabendo o que tem sido feito, todos podem contribuir para uma cultura inclusiva na universidade. A ampla difusão é essencial também para conseguir estabelecer parcerias com outras universidades e organizações que também estejam empenhadas na construção de uma cultura inclusiva.
- Fortalecer linhas de pesquisa que usem de relações horizontalizadas entre a pessoa pesquisadora e a pessoa ou grupo pesquisado. Esse tipo de relação permite que as pessoas tenham suas demandas consideradas nas pesquisas sobre sua condição, colocando-as como sujeitos e não meros objetos de pesquisa. Importantíssimo para alcançarmos o “nada sobre nós sem nós”, lema dos movimentos das pessoas com deficiência que significa que todas as decisões devem ser tomadas a partir da participação direta dessas pessoas nos processos decisórios que as atingem.
- Usar estratégias pedagógicas e recursos que contribuam para o aprendizado das pessoas que se desenvolvem e aprendem de modo diferente daquele convencionado como normal, considerando o chamado *crip time* na elaboração, implementação e avaliação de estratégias pedagógicas que almejam ser inclusivas. Muito se aponta uma denominada inflexibilidade da pessoa autista, por exemplo, mas quase nunca se aponta o papel da inflexibilidade reinante nos processos acadêmicos que resulta em barreiras intransponíveis que impedem a participação dessas pessoas nesses espaços. Isso precisa mudar ou nunca teremos uma universidade que contemple as pessoas neurodivergentes.



Capítulo 2: Respeitar

Respeite, rigorosamente, a participação e as opiniões das pessoas neurodivergentes para tomar decisões, desenvolver teorias e práticas que sejam relacionadas a elas. Ou seja, respeite o preceito “nada sobre nós sem nós”.

O lema adotado pelos movimentos das pessoas com deficiência afirma a sua participação plena nas tomadas de decisão que as afetem. A participação ativa das pessoas neurodivergentes é fundamental para o desenvolvimento de estratégias e práticas que eliminem as barreiras e promovam acessibilidade. É importante envolver as pessoas com deficiência e neurodivergentes em todas as etapas do processo, da concepção até a implementação e a posterior aplicação de melhorias. Isso pode envolver a criação de grupos consultivos formados por pessoas neurodivergentes e a realização de pesquisas e consultas internas para compreender suas perspectivas e demandas.

Portanto, a inclusão plena e efetiva das pessoas neurodivergentes em todas as etapas de tomada de decisão é um passo crucial para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Ao garantir que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas, podemos desenvolver estratégias e práticas que não apenas eliminem as barreiras existentes, mas também promovam um ambiente de aceitação e compreensão. Afinal, a diversidade é a nossa maior força e, ao abraçá-la, podemos abrir caminho para um futuro mais inclusivo e próspero.

Sugestões:

- Revisar regularmente políticas e práticas existentes para que sejam inclusivas e atendam às demandas das pessoas neurodivergentes. Tal revisão pode ser feita em áreas diversas da universidade, como políticas de acesso e permanência, política de acomodação, práticas de ensino e serviços de apoio estudantil.
- Comunicar-se aberta e objetivamente com as pessoas neurodivergentes que fazem parte da comunidade universitária, tanto no corpo discente quanto no corpo de funcionários da instituição. Isso pode incluir comunicação regular sobre quaisquer alterações nas políticas e nas práticas e também na criação de canais de comunicação através dos quais essas pessoas possam expressar suas preocupações ou sugestões.
- Treinar e formar professores e funcionários para a cultura inclusiva. A realização de eventos formativos que contribuam para o saber fazer inclusivo na instituição é de extrema importância para a criação de recursos de apoio às pessoas neurodivergentes.
- Expandir as formas de comunicação além do discurso oral em português. Não fornecer meios para que as pessoas neurodivergentes possam se expressar e se comunicar é negar o direito à comunicação, o qual é considerado um direito humano fundamental, de acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos. LIBRAS, sistemas de comunicação alternativa e aumentativa, recursos tecnológicos de comunicação: são inúmeras as ferramentas comunicacionais que as universidades brasileiras podem ofertar para que as pessoas neurodivergentes possam participar da produção acadêmica. Além disso, é importante que tais ferramentas de comunicação e expressão sejam pensadas e aplicadas focando também no público neurodivergente.

Capítulo 3: Verificar

Verifique as informações de estudos e serviços direcionados às pessoas neurodivergentes para confirmar se são verdadeiras, éticas e coerentes com os desejos e opiniões do público a quem se destinam antes de aceitá-las e compartilhá-las.

O pensamento científico exige revisão constante e permanente. Não existe Verdade Absoluta para a Ciência, posto que esta representa a busca pelo conhecimento e a cada nova pesquisa, velhos paradigmas são substituídos por novos. Da mesma forma, o respeito aos direitos humanos mais básicos é base ética do trabalho na Academia, que não se restringe à pesquisa, identificando-se com o desenvolvimento das ideias que constituem o arcabouço da sociedade. Na Academia, espera-se que esse espírito ético prevaleça em todos os aspectos; dessa forma, os conceitos devem ser testados, verificados em seus aspectos práticos e teóricos, confrontados com a realidade e servirem de orientação para a determinação de políticas, serviços e pesquisas, consultando e respeitando pessoas e grupos a eles sujeitos. Verificar se a Academia, com base no espírito inquiridor que a constitui, está sendo coerente com esses princípios é condição necessária para possibilitar a plena participação das pessoas neurodivergentes nas universidades.

Dessa forma, é fundamental que a academia continue a se esforçar para garantir que suas práticas e políticas respeitem os princípios de direitos humanos e inclusão. Isso inclui o abandono de práticas capacitistas na produção científica e adoção e reforço a práticas expansoras da inclusão. Ao fazer isso, a academia não apenas estará cumprindo seu dever ético, mas também estará enriquecendo seu corpo discente e docente com uma diversidade de perspectivas e experiências que podem levar a avanços e inovações significativos. Afinal, a verdadeira força da academia reside em sua

capacidade de questionar, aprender e crescer continuamente, e isso só pode ser alcançado através da inclusão e respeito por todos.



Sugestões:

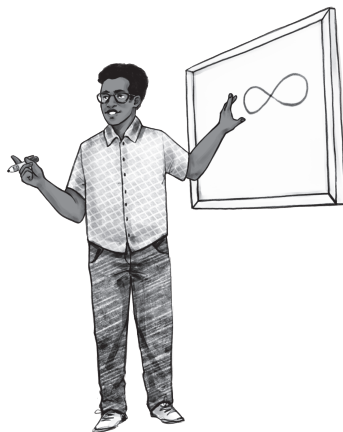
- Confrontar os objetivos de pesquisas voltadas para pessoas autistas ou neurodivergentes com as efetivas expectativas e necessidades dessas pessoas.
 - Verificar se os princípios éticos nas pesquisas estão sendo respeitados.
 - Verificar se os serviços e estruturas das universidades respeitam os princípios da acessibilidade.
 - Fazer os ajustes necessários para que o ambiente universitário seja cada vez mais acessível às pessoas neurodivergentes.
- Munir os grupos consultivos de estudantes neurodivergentes com meios de verificação e denúncia de violação aos seus direitos no âmbito universitário.

Capítulo 4: Educar

Eduque, dialogue e oriente a sua comunidade, em apoio ao ativismo pela neurodiversidade, sobretudo ao se deparar com situações capacitistas.

A criação de uma cultura inclusiva e acolhedora requer um processo educativo amplo que promova o diálogo e a participação de todos na remoção de barreiras e na construção de acessibilidade. É crucial que todos entendam o conceito de neurodiversidade, que se refere à diversidade natural dos cérebros humanos em relação às funções mentais, e reconheçam que o capacitismo, a discriminação contra pessoas com qualquer deficiência, é inaceitável. Aqui, Educação vai além da sala de aula, significando um conjunto de ações conscientizadoras em todos os aspectos do meio acadêmico.

Nesse sentido, deve se desenvolver esforços para criar um ambiente onde as pessoas neurodivergentes se sintam valorizadas e incluídas, o que significa promover políticas, práticas e ações orientadas para a inclusão, como a realização de eventos e diálogos para conscientização e defesa de direitos iguais para todos, independentemente de sua neurodivergência. Cada um tem um papel a desempenhar na promoção da neurodiversidade, que forma a contribuir para uma comunidade mais inclusiva e respeitosa.



Sugestões:

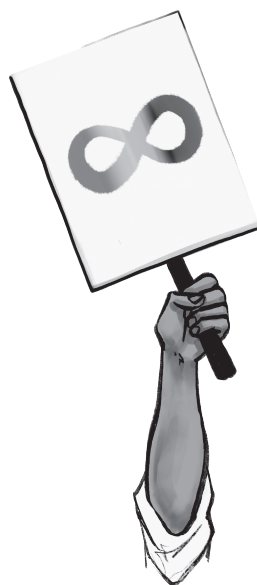
- Oferecer reiteradamente momentos de formação, de conscientização e de celebração da diversidade para a comunidade universitária. Tornar isso uma constante na relação entre a universidade e a comunidade ao redor dela.
- Criar espaços de disseminação e troca de informações sobre neurodiversidade, anticapacitismo, inclusão e diversidade humana de modo geral. Espaços que permitam a troca ativa de ideias e práticas visando ao seu aperfeiçoamento.
- Incorporar a neurodiversidade no currículo: a produção acadêmica sobre neurodiversidade é vasta e essa produção no Brasil tem seguido rumos próprios. Nossas especificidades tem dado novas nuances aos estudos sobre neurodiversidade e também à forma como a comunidade brasileira molda esse conceito à sua própria realidade. Exemplo disso é o Manifesto pela Neurodiversidade Interseccional Brasileira, criado por pessoas autistas da Abraça - Associação Brasileira para Ação por Direitos das Pessoas com Deficiência, disponível no site da organização.
- Firmar parcerias com organizações de defesa dos direitos das pessoas com deficiência. Nesse sentido, o Pacto pela Neurodiversidade é uma busca por essa parceria. A Abraça se coloca à disposição das universidades brasileiras, convidando-as a conhecerem e aderirem ao Pacto. Acreditamos que a inclusão é construção coletiva e que todas as pessoas tem seu lugar de fala nessa construção.

Capítulo 5: Defender

Defenda o Movimento pela Neurodiversidade.

Defender o Movimento pela Neurodiversidade é preservar e abraçar a neurodiversidade, tomando ações para proteger os direitos das pessoas neurodivergentes e favorecer sua participação nas atividades da comunidade acadêmica, no trabalho, no ensino, no aprendizado e na pesquisa.

Ao fazer isso, as universidades estarão indo além de cumprir seu dever ético, pois também estarão enriquecendo seu corpo discente, docente e laboral com uma diversidade de perspectivas e experiências que podem levar a avanços e inovações significativas. Afinal, a verdadeira força da academia reside em sua capacidade de questionar, aprender e crescer continuamente, e isso pode ser melhor alcançado através da inclusão e respeito por todos.



Sugestões:

- Fazer as adaptações necessárias nas instalações da universidade, de forma a remover as barreiras arquitetônicas e sensoriais, seja nos corredores, escadas, salas de aula e laboratórios, para garantir acesso a todas as pessoas e as melhores condições de ensino para os docentes e de aprendizado para os discentes e melhores condições de trabalho para os trabalhadores de apoio.
- Fazer as adaptações necessárias nos programas de curso e disciplinas e nas atividades e perspectivas pedagógicas, de forma a garantir as melhores condições de aprendizado para todos os discentes, sejam eles neurodivergentes ou pessoas com deficiência.
- Fazer adaptações nos processos de avaliação, considerando flexibilizar prazos para adequar-se às necessidades dos alunos neurodivergentes.
- Fornecer apoio humano necessário. Programas de tutoria, oferta de ledores e copistas em sala de aula, uso de linguagem simples que traduza elementos complexos da comunicação acadêmica são alguns exemplos de ações nesse sentido.
- Oferecer suporte tecnológico e usar práticas e tecnologias assistivas para promover o acesso e a permanência das pessoas neurodivergentes ou com deficiência no espaço universitário.
- Criar um ambiente propício à neurodiversidade. Por exemplo: prover salas do silêncio; realizar festas universitárias silenciosas (com uso de fones de ouvido); incluir na rotina da universidade elementos pensados e implementados pelas próprias pessoas neurodivergentes; facilitar a participação remota em atividades acadêmicas; discutir com as entidades estudantis (DAs, DCEs, CAs) para que promovam ações de acolhimento e inclusão.

Capítulo 6: Monitorar

Monitore o cumprimento das leis aplicáveis sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.

É de fundamental importância dar conhecimento a toda a comunidade acadêmica, professores, trabalhadores de apoio e estudantes, os direitos e a legislação referente às pessoas neurodivergentes. Da mesma forma, deve-se monitorar o cumprimento dessa legislação, monitorando sua aplicação e, inclusive, adequando as normas da Universidade para que contemplem o seu cumprimento. Esse monitoramento servirá, também, para apontar novas ações para superação de barreiras. Inclusão precisa de inovação, de superação de paradigmas e da criação de novas formas de encarar a realidade: esse é o grande papel da universidade, por meio de sua pesquisa, ensino e extensão.

A universidade tem o poder de influenciar a opinião pública e moldar as políticas e ações dos governos. Ao destacar as questões enfrentadas pelas pessoas neurodivergentes e as pessoas com deficiência, promovendo a importância da inclusão e acessibilidade, a universidade apontará problemas e gestará ideias para mudanças nas atitudes e a promoção de uma sociedade mais inclusiva. Estudos sobre a eficácia das leis existentes, a identificação de lacunas nas políticas atuais e a proposta de novas soluções inovadoras também é papel da universidade. Afinal, não é apenas um lugar de aprendizado, mas também um espaço para a promoção do progresso social e da justiça.

Sugestões:

- Promover pesquisa e inovação em acessibilidade.
- Pesquisar para desenvolver novas tecnologias e práticas para acessibilidade.
- Pesquisar para identificar barreiras à acessibilidade que podem não ser imediatamente aparentes, permitindo que sejam abordadas de maneira eficaz.
- Promover estudos na área das Humanidades, como Direito, Ciências Sociais e História, para buscar o entendimento das mudanças por que a sociedade passou.
- Promover o advocacy por meio de parcerias ativas com organizações de pessoas com deficiência e pela organização de grupos de advocacy organizados dentro da universidade.



Capítulo 7: Oportunizar

Oportunize a inclusão de pessoas neurodivergentes e crie condições de permanência delas na sua empresa/ organização/comunidade em todos os níveis de hierarquia e diferentes funções.

Dar oportunidade de inclusão de pessoas neurodivergentes em todos os níveis de hierarquia e funções é um passo crucial para a construção de um ambiente mais diverso e inclusivo. Isso pode envolver a implementação de políticas de recrutamento inclusivas, a oferta de acomodações de aprendizagem adequadas e a promoção de um ambiente acadêmico que valorize e respeite as diferenças.

No entanto, simplesmente criar oportunidades de acesso não é suficiente. Políticas de acesso que ignoram as demandas das pessoas neurodivergentes acabam por se tornar barreiras à sua participação na universidade, se não forem acompanhadas de políticas e práticas robustas de permanência. Isso significa criar um ambiente onde as pessoas neurodivergentes não apenas tenham a oportunidade de entrar para o meio acadêmico, mas também prosperar nele. Cabe salientar que pessoas neurodivergentes, ao longo da História, grandemente contribuíram para o surgimento de novas ideias. Se olharmos para a biografia de grandes nomes encontraremos traços de neurodivergência, como são exemplos: Arquimedes, Newton, Gauss, Marie Curie, Einstein, Temple Grandin, Stephen Hawking, David Helfgott, John Nash.

As universidades precisam fazer um esforço consciente para entender e atender às necessidades das pessoas neurodivergentes. Isso inclui o acompanhamento dos estudantes neurodivergentes, a revisão e atualização contínua das políticas de acesso e permanência e a promoção de uma cultura de inclusão e respeito pelas diferenças.

Sugestões:

- Implementar políticas que permitam flexibilidade no aprendizado, como permitir que os estudantes aprendam ao seu próprio ritmo ou oferecer diferentes formas de aprendizado e avaliação.
- Estabelecer parcerias com empresas que valorizam a neurodiversidade, proporcionando aos estudantes neurodivergentes oportunidades de estágio e emprego após a graduação.
- Oferecer serviços de aconselhamento especializado para estudantes neurodivergentes, ajudando-os a lidar com quaisquer desafios emocionais ou mentais que possam enfrentar.
- Incentivar a formação de clubes e organizações estudantis focadas na neurodiversidade, proporcionando um espaço seguro para estudantes neurodivergentes se conectarem e se apoiarem. Estabelecer programas de mentoria em que estudantes neurodivergentes sejam pareados com mentores capacitados a orientá-los na sua jornada acadêmica.
- Desenvolver adaptações pedagógicas material didático inclusivo: As universidades podem desenvolver e disponibilizar materiais didáticos que sejam acessíveis a todos os estudantes, incluindo aqueles que são neurodivergentes. Isso pode envolver a criação de materiais de leitura em formatos alternativos, como áudio ou texto ampliado, e a utilização de software de leitura de tela, uso de comunicação alternativa e aumentativa na criação de material didático. A criação de materiais de leitura em formatos alternativos, como áudio ou texto grande, e a utilização de software de leitura de tela nas universidades podem beneficiar significativamente os estudantes neurodivergentes. Essas adaptações podem tornar o conteúdo mais acessível para estudantes com dislexia, melhorar a concentração e a retenção de informações para estudantes com TDAH, e proporcionar um ambiente de aprendizagem mais inclusivo.

Capítulo 8: Refletir

Refleta sobre seus comportamentos, a sua fala e a forma como eles afetam a pessoa neurodivergente. Esteja sempre aberto a novas desconstruções e reconstruções sociais.

A reflexão sobre comportamentos e discursos e seu impacto nos indivíduos neurodivergentes é básico para a promoção de inclusão e diversidade no ambiente universitário. Cada interação representa uma oportunidade de aprendizado e crescimento. A disposição para novas desconstruções e reconstruções sociais pode iniciar o processo de dismantelamento de barreiras atitudinais que frequentemente impedem a plena participação de pessoas neurodivergentes na comunidade acadêmica.

Barreiras atitudinais, muitas vezes, embasam as outras barreiras. São atitudes estruturadas sobre preconceitos e percepções negativas em relação à neurodiversidade, levando à exclusão, discriminação e falta de compreensão dos indivíduos neurodivergentes. Repensá-las permitirá promover uma postura positiva sobre a neurodiversidade, entendendo e respeitando diferenças individuais, tornando possível superá-las para criar um ambiente mais inclusivo e acolhedor para todos na Universidade.



Sugestões:

- Desenvolver eventos que promovam a troca de conhecimento e práticas sobre neurodiversidade, inclusão e deficiência é uma estratégia eficaz para aumentar a conscientização e promover a inclusão. Esses eventos podem abordar questões transversais, destacando como esses temas se intersectam com outras áreas, como educação, saúde, direitos humanos e políticas públicas. Ao proporcionar um espaço para discussão e aprendizado, esses eventos podem ajudar a desmistificar estereótipos, compartilhar melhores práticas e fomentar um ambiente mais inclusivo e acolhedor para todos.
- Promover debates a respeito da diversidade humana.
- Salientar os pesquisadores e outras personagens históricas neurodivergentes e com deficiência que contribuíram para avanços nos diversos campos do conhecimento.
- Divulgar ações e acontecimentos históricos e atuais envolvendo pessoas neurodivergentes e com deficiência.
- Debater as barreiras atitudinais e como superá-las.
- Promover ciclos de palestras sobre capacitismo versus inclusão.

Capítulo 9: Aplicar

Aplique todos os princípios listados acima ao planejar projetos e intervenções voltados às pessoas neurodivergentes.

A aplicação conjunta dos princípios citados anteriormente contribuirá para a construção de uma cultura inclusiva no espaço acadêmico, podendo ser ampliada para outros espaços. O Pacto pela Neurodiversidade foi pensado de forma genérica o suficiente para se adaptar a diversos contextos e atender a cada especificidade apresentada. É uma construção que seguirá e será ampliada e modificada para melhor atender a esse objetivo, conforme essa construção for acontecendo; novas situações levarão à aprendizagem das pessoas que atuarem no processo.

A aplicação dos princípios da neurodiversidade em projetos e intervenções envolve o entendimento da neurodiversidade, a garantia de inclusão e acessibilidade, a participação ativa de pessoas neurodivergentes, a adaptação às necessidades individuais, o respeito à autonomia e dignidade, e a avaliação constante para aprimoramento. Essas medidas visam não apenas acomodar, mas celebrar a neurodiversidade.



Sugestões:

- Criar programas de pesquisa em neurodiversidade é uma urgência no cenário acadêmico atual. A neurodiversidade, que reconhece e celebra as diferenças neurológicas como uma expressão da diversidade humana, ainda é um campo relativamente novo de estudo, mas que já mostra potencial no Brasil. Estabelecer programas de pesquisa dedicados a este campo pode ajudar a preencher lacunas significativas e fornecer insights valiosos que podem informar políticas e práticas inclusivas. Esses programas poderiam explorar uma variedade de tópicos, desde o desenvolvimento de estratégias pedagógicas inclusivas até a investigação das experiências vividas de indivíduos neurodivergentes. Além disso, esses programas de pesquisa poderiam desempenhar um papel crucial na promoção da aceitação e inclusão da neurodiversidade na sociedade em geral.
- Ofertar cursos e workshops de neurodiversidade para todos os estudantes, a fim de promover a compreensão e a aceitação da neurodiversidade no campus.
- Implementar políticas de admissão e de permanência inclusivas que reconheçam e valorizem a neurodiversidade, garantindo que estudantes neurodivergentes tenham igualdade de oportunidades para ingressar e permanecer na universidade.

Capítulo 10: Celebrar

Celebre a Neurodiversidade.

Celebrar a neurodiversidade é substituir o estranhamento, a negação e o capacitismo pela compreensão de que a variação entre as várias possibilidades de enxergar e compreender o mundo é mais que uma questão de princípios: é desejável, é uma necessidade para o pleno desenvolvimento da Humanidade enquanto sociedade e espécie.

Por exemplo, no meio neurodivergente já se fala em cultura autista, algo definido pelas próprias pessoas autistas. A cultura autista engloba as diversas possibilidades de interpretar a Vida e o Universo. Não apenas inclui os stims (movimentos e hábitos repetitivos típicos das pessoas autistas), hiperfocos, gostos comuns das pessoas autistas, mas também as estratégias que criam e compartilham para lidar com o mundo e seus desafios. Celebrar a diversidade dessa cultura e das outras possíveis culturas neurodivergentes é uma forma eficaz, até mesmo leve e divertida, de promover a acessibilidade, a desconstrução de barreiras presentes nas atitudes da comunidade acadêmica e ampliar o senso de pertencimento das pessoas neurodivergentes que a compõem.

Celebrar a neurodiversidade é mais que aceitá-la, é defender que ela é positiva para o desenvolvimento coletivo. Envolve a promoção da conscientização, a inclusão da neurodiversidade no currículo, a criação de espaços inclusivos, o incentivo à participação de indivíduos neurodivergentes e o reconhecimento das suas contribuições. Isso pode ser alcançado através de eventos educativos, adaptações de espaço e a valorização das suas realizações. A implementação dessas estratégias pode promover um maior senso de pertencimento entre os estudantes neurodivergentes e enriquecer a

comunidade acadêmica e a própria Humanidade.

Sugestões:

- Organize um festival anual de neurodiversidade que celebre a cultura autista e outras formas de neurodiversidade. Isso poderia incluir apresentações de arte, música, dança, literatura e outras formas de expressão cultural criadas por estudantes neurodivergentes.
- Crie um clube de neurodiversidade no campus que ofereça um espaço seguro para estudantes neurodivergentes se conectarem, compartilhem experiências e promoverem a conscientização sobre a neurodiversidade.
- Inicie um programa de palestrantes que traga indivíduos neurodivergentes para falar sobre suas experiências e promover a compreensão e a aceitação da neurodiversidade.
- Ofereça cursos que se concentrem na neurodiversidade e na cultura autista. Isso poderia incluir o estudo de stims, hiperfocos e outras características da cultura autista.
- Estabeleça um Dia da Conscientização sobre a Neurodiversidade para promover a compreensão e a aceitação da neurodiversidade no campus. Isso poderia incluir workshops, palestras e outras atividades educativas.

Perspectivas futuras

A adoção ampla da neurodiversidade pelas universidades brasileiras tem o potencial de transformar profundamente o cenário educacional. Ao reconhecer e valorizar a diversidade de experiências e perspectivas que os estudantes neurodivergentes trazem, as universidades podem se tornar espaços mais inclusivos e inovadores. A neurodiversidade pode enriquecer o ambiente acadêmico, trazendo novas ideias, abordagens e soluções para os desafios enfrentados. Além disso, a inclusão de estudantes neurodivergentes pode promover uma maior compreensão e aceitação da neurodiversidade na sociedade em geral, contribuindo para a construção de uma cultura mais inclusiva e respeitosa.

Olhando para o futuro, a adoção da neurodiversidade pode levar a avanços significativos em várias áreas de estudo. Estudantes neurodivergentes podem trazer insights únicos e valiosos para suas áreas de estudo, potencialmente levando a descobertas e inovações revolucionárias. Além disso, a presença e a contribuição de estudantes neurodivergentes podem desafiar e expandir as formas tradicionais de pensamento e aprendizado, levando a um ambiente acadêmico mais dinâmico e diversificado. Em última análise, a adoção da neurodiversidade pelas universidades brasileiras pode não apenas melhorar a experiência educacional para estudantes neurodivergentes, mas também enriquecer a comunidade acadêmica como um todo.

Conclusão

Ver a neurodiversidade chegar às universidades brasileiras representa um passo significativo em direção a uma sociedade mais inclusiva e compreensiva. Ao abraçar a neurodiversidade, as universidades não apenas proporcionam oportunidades iguais para todos os estudantes, mas também enriquecem o ambiente acadêmico com uma diversidade de perspectivas e experiências. Isso pode levar a avanços significativos em várias áreas de estudo e promover uma cultura de inclusão e respeito.

Em conclusão, a neurodiversidade tem o potencial de transformar o cenário educacional e promover uma cultura de inclusão e respeito. Ao reconhecer e valorizar a diversidade de experiências e perspectivas que os estudantes neurodivergentes trazem, podemos criar um ambiente acadêmico mais inclusivo e dinâmico. A adoção da neurodiversidade pelas universidades brasileiras é um passo importante para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa. É uma jornada contínua que requer o compromisso e a participação de todos nós.

Sobre este projeto

O Pacto pela Neurodiversidade vai além de um projeto convencional - é uma iniciativa audaciosa que visa cultivar a inclusão e o respeito pela diversidade neurológica. Originado e aprimorado continuamente por pessoas autistas e com outras formas de neurodivergência, este projeto é um emblema de uma luta política pelos direitos desses indivíduos. Essas pessoas, armadas com um conhecimento profundo e experiências vividas, são fundamentais para a implementação das mudanças sociais necessárias para garantir a participação plena e igualitária de todos.

Este projeto é o fruto do esforço incansável de um grupo de pessoas que, apesar de enfrentarem barreiras significativas em suas vidas, estão determinadas a fazer a diferença. Por meio de sua atuação ativista, estão desafiando as normas sociais e trabalhando para criar um mundo onde a neurodiversidade é celebrada, não estigmatizada. O Pacto pela Neurodiversidade, portanto, é mais do que um projeto - é um movimento, uma causa e, acima de tudo, uma esperança para um futuro mais inclusivo e respeitoso.

Este documento é o resultado de um projeto de implementação do Pacto pela Neurodiversidade, com foco nas universidades brasileiras, promovido pela Abraça - Associação Brasileira para Ação por Direitos das Pessoas Autistas. No entanto, ele foi projetado para ser implementado em qualquer espaço necessário, com o objetivo de permitir que cada vez mais pessoas autistas possam atuar de forma autônoma na sociedade. É um passo importante na direção de um futuro mais inclusivo e respeitoso para todos.

Essa implementação proporcionou a troca direta com as universidades que aceitaram o convite para o diálogo sobre o tema. Há uma mudança importante acontecendo nas universidades brasileiras a partir do aumento no número de pessoas neurodivergentes acessando

esse espaço. Esse conjunto de estudantes tem enfrentado barreiras que beiram o absurdo de tão capacitistas, isso precisa mudar e queremos ser parte dessa mudança porque o “nada sobre nós sem nós” é ponto de sobrevivência para nós. Há também um esforço acontecendo nas universidades no sentido de ampliar sua capacidade de inclusão. Porém, é nítido que tais esforços têm sido feitos por cada universidade sem que haja um esforço que ajude a centralizar essas iniciativas em um ponto de reflexão e ajustes contínuos.

Nessa primeira etapa da implementação do Pacto pela Neurodiversidade, conseguimos iniciar o mapeamento de iniciativas em prol da Neurodiversidade que estão ocorrendo nas universidades que aceitaram o nosso convite de diálogo. Diante desse mapeamento e do que aprendemos no diálogo com essas instituições, trouxemos esse documento para que lhes sirva como guia para otimizar seus esforços. A ideia é que esse documento apoie essa construção que já está ocorrendo, ampliando o leque de possibilidades de sucesso das iniciativas que já estão em curso e a criação de estratégias, projetos, ferramentas, recursos que promovam a neurodiversidade no espaço acadêmico. Acreditamos na potência da universidade brasileira para realizar essa mudança e estamos conscientes de que esse é um primeiro passo, o passo que podemos dar agora. E vamos seguir caminhando em conjunto com as universidades brasileiras nessa construção.

Agradecemos à IDA - *International Disability Alliance* - e a Norad - *Norwegian Agency for Development Cooperation* -, pelo apoio dado através programa de implementação dos Comprometimentos para Mudança do *Global Disability Summit*, no qual esse projeto se insere. O GDS é um evento de impacto global sobre Deficiência, no qual diferentes atores podem se comprometer com ações para a mudança.

Nesse contexto, o Pacto pela Neurodiversidade também contribui para o cumprimento dos compromissos assumidos no último GDS (2022) em relação ao impulsionamento e monitoramento do Plano Nacional de Educação por parceiros que compõe juntamente

com a nossa organização a Coalizão Brasileira pela Educação Inclusiva. O Plano Nacional de Educação abraça a importância da superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação e na promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, da diversidade e da sustentabilidade socioambiental, temas tratados neste projeto.

Este Pacto também está alinhado com a Youth Charter for Change do GDS nos seguintes tópicos:

Ação 3 – Facilitar a conscientização sobre os direitos das pessoas com deficiência, a inclusão e as abordagens baseadas nos direitos humanos para os jovens com deficiência

Ação 8 – Garantir uma educação inclusiva e de qualidade para todos

Ação 9 – Incluir todos os jovens com deficiência, de todos os gêneros, através de uma abordagem interseccional

Ação 12 – Envolver jovens com deficiência nos processos de tomada de decisão



Fontes e referências

ABRAÇA, Associação Brasileira para Ação pelos Direitos das Pessoas Autistas. Manifesto da Neurodiversidade Interseccional Brasileira. Brasil, 18 de junho de 2021.

BARBIER, René. A pesquisa-ação. Tradução de Lucie Didio. Plano, 2002.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BRASIL. Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República.

BRASIL. Decreto Legislativo nº 186, de 09 de julho de 2008: Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. 4. ed., rev. e atual. Brasília, DF: Secretaria de Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência.

ROGERS, Carl R.; FARSON, Richard E. Active Listening. Mockingbird Press, 2021.

SILVA, Solange Cristina da; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro; KASZUBOWSKI, Erikson; NUERNBERG, Adriano Henrique. Estudantes com transtorno do espectro autista no ensino superior: analisando dados do INEP. Psicol. Esc. Educ., v. 24, 2020. Disponível em: SciELO - Brasil - ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: ANALISANDO DADOS DO INEP ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: ANALISANDO DADOS DO INEP.

Apoio:

